



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANA CAROLINA RAMOS MORO

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-566

Entrevistada: Ana Carolina Ramos Moro

Nascimento: 31/07/1997

Local da entrevista: Sala do CEME

Entrevistadora: Claudia Yaneth Martínez Mina

Data da entrevista: 02/06/2015

Transcrição: Juliana Parado Cros

Copidesque: Claudia Yaneth Martínez Mina

Pesquisa: Claudia Yaneth Martínez Mina

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 41 minutos e 26 segundos.

Páginas Digitadas: 20 páginas.

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Esporte na infância; Inserção no futsal; Apoio da família; As dificuldades enfrentadas como mulher no futsal; Escolinha de futebol; Aulas de Educação Física na escola; Participação na equipe de futsal Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Vida esportiva.

Centro de Memória do Esporte, 02 de junho de 2015. Entrevista com Ana Carolina Ramos Moro a cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martínez Mina para o Projeto Garimpando Memórias

C.M. – Carol, muito obrigada por aceitar esse convite. Então, vamos começar. Eu primeiro quero saber como você começou a jogar futebol, quais suas lembranças sobre a primeira vez que você bateu em uma bola e como o futebol e o futsal apareceu na sua vida?

A.M. – Eu comecei a jogar futebol com o meu pai, ele começou me incentivando, jogando bola dentro de casa, coisas... Mas que eu lembro que eu comecei mesmo a jogar foi quando os meus pais se separaram e eu fui morar em uma cidade vizinha de Porto Alegre, Viamão, e lá a maioria da rua em que eu morava era só guri, então se eu queria brincar era futebol. Eu saía para a rua e jogava todo o dia futebol, o dia inteiro e foi aí que eu lembro que eu comecei a gostar mesmo. Eu jogava bem, os guris todo o dia iam na minha casa me chamar, todo o dia batiam lá e foi assim que eu comecei. E depois entrei na escola, continuei jogando, é o que eu me lembro assim de começar mesmo na rua com os guris me chamando para jogar.

C.M. – Quantos anos você tinha?

A.M. – Eu tinha uns seis anos, cinco anos.

C.M. – E você morava com o seu pai?

A.M. – Isso, com a minha mãe e com o meu pai, eles se separaram eu mudei para casa da minha avó, que ficava em outra rua.

C.M. – E você jogava todos os dias?

A.M. – Todos os dias.

C.M. – Não tinha meninas?

A.M. – Olha, tinha uma guria que era da minha idade, mas ela estudava em Porto Alegre, então ela chegava em casa de noite, eu brincava muito de vez em quando com ela, no fim de semana mas todo dia era futebol com os guris, mesmo eu brincando um pouco com ela ainda tinha a parte que eu jogava com os guris.

C.M. – E quando você brincava com ela, que coisas brincavam?

A.M. – Geralmente, com esporte... Pega-pega, alguma coisa com bola.

C.M. – Até quando você jogou na rua? Que idade tinha?

A.M. – Eu tinha uns doze eu acho, daí foi quando eu me mudei para Porto Alegre, que separou todos os amigos, continuei jogando só na escola, daí eu vim morar em apartamento e não tinha mais como jogar.

C.M. – Nessa época de criança, qual era o principal motivo pelo que você jogava futebol?

A.M. – Por que eu amava jogar, tudo era contra eu jogar, mas... Eu quando era uma criança não conseguia parar, mesmo todo mundo falando, família falando, porque sempre tem quem fala porque tu é guria e tu esta jogando futebol, sempre tem: “Ai, não vai”. Mas mesmo assim eu não via problema em jogar, fazer o que eu gosto e eu amava, amava estar naquilo ali, se eu pudesse passava o dia inteiro jogando com os meus amigos.

C.M. – E sua família que coisas falavam?

A.M. – Ai, é que sempre tem... Como era rua, não era apartamento, sempre tem os vizinhos que ficam falando, que “está sempre no meio de ‘guri’” e daí eu lembro que a minha avó não gostava muito que eu ficasse na rua jogando, gostava que eu fizesse esporte, mas não gostava de ficar ouvindo a vizinhança falar, mas eu continuava mesmo assim.

C.M. – Ela alguma vez falou para você que parasse de jogar?

A.M. – Não, eles nunca falaram: “Para de jogar futebol!” Mas... Estava na rua e me mandavam entrar. Hoje, eu maior, sei porque, entendeu? Antes eu não tinha maturidade para saber o porquê de todo mundo mandar eu entrar e ninguém queria que eu ficasse na rua com os guris.

C.M. – Você só praticava futebol ou tinha outros esportes que gostava de realizar nas atividades de lazer?

A.M. – Na escola eu jogava tudo, porque na escola tu tens que jogar vôlei e eu estava sempre dentro de qualquer esporte. Hoje, eu gosto de jogar handebol, vôlei, surfar eu gosto hoje de esportes assim.

C.M. – Alguém da família incentivava você para jogar futebol?

A.M. – Sim, meu pai. Ele sempre quis arrumar time, eu pedia para ele porque time feminino é bem difícil de encontrar ainda mais para criança e ele estava sempre buscando algum time, perguntando para amigos se tinha time, coisas assim e gostava de ver eu jogando, ficava feliz.

C.M. – Alguém além da sua avó, tinha alguma outra pessoa que não gostava?

A.M. – A minha mãe no início não gostava muito que eu jogasse. Hoje, se eu falo ela diz que não, que ela sempre gostou, mas ela não gostava muito, sei lá ela tinha na cabeça, eu acho que era de guri, não estava acostumada também, ninguém na família guria nunca jogou e do nada eu saía jogando futebol, ela não gostava muito mas... Hoje em dia ela me apoia.

C.M. – Você tem mais irmãos?

A.M. – Tenho. Agora tenho uma irmã pequena de cinco anos e dois irmãos mais velhos de vinte anos para mais.

C.M. – Alguma vez você pensou em fazer do futebol sua profissão, no sentido de ser esportista profissional?

A.M. – Quando eu era menor, eu não pensava porque a minha mãe não queria que eu fosse, ela nunca... Sempre disse: “Não dá futuro ser jogadora de futebol”. Daí eu nunca tive na minha cabeça em jogar, depois do ano passado, um pouco antes que eu até tive uma vontade de ser, que a minha mãe começou a me apoiar daí ela me apoiou, mas não é uma coisa assim um sonho que eu tenho de ser, sabe? Gostaria de ser, mas não é uma coisa assim um sonho grande que eu preciso realizar.

C.M. – E o que faz falta para que seja um sonho, por que não pode ser um sonho?

A.M. – Eu acho que é porque desde pequena eu nunca tive esse pensamento. Eu nunca tive alguém falando: “Vamos treinar que tu vai ser jogadora”. Sempre foi o contrário: “Jogadora não ganha muito, é muito desvalorizada, é muito difícil”. Então eu sempre cresci com esse pensamento, nunca se tornou uma coisa muito... Im sonho para mim, uma coisa que eu queira.

C.M. – Você estudou em uma escola pública ou particular?

A.M. – Particular.

C.M. – E lá você também jogava futebol?

A.M. – Jogava.

C.M. – Me conta a sua experiência sobre jogar futebol nessa escola.

A.M. – Eu jogava sempre com os guris também porque eu sempre... Que eu lembre, nas escolas de ensino fundamental de primeira a quinta série eu lembro que tinha uma ou duas gurias que gostavam mais de esporte, mas nunca jogavam com os guris era sempre eu. E de primeira à quinta série eu não tive muitos amigos, muito poucos na escola, era mais na minha rua mesmo e eu sempre tive na minha cabeça que era, porque eu era diferente para

elas, entendeu? Não era a guria padrão que elas eram; eu jogava bola com os guris, gostava de estar sempre na folia, eu era meio excluída por causa disso, de primeira à quinta série. Depois eu mudei para uma escola em Porto Alegre... Continuou eu jogando só com os guris, mas me tratavam de um jeito diferente do que o outro colégio me tratava. E as pessoas se aproximavam mais de mim, mas mesmo assim era nítida aquela diferença das gurias que não jogavam e eu que jogava, eu era a guria que jogava futebol.

C.M. – E nas aulas de Educação Física, como era nessa escola?

A.M. – Eram as gurias sempre sentadas porque não gostavam de jogar nada e eu jogando com os guris. Sempre assim porque na Educação Física em escola geralmente as gurias não praticam nada e quem pratica é os guri. Daí se tu quiser praticar tu tens que ir com os guri não tem outra opção.

C.M. – E e como era essa dinâmica das salas de Educação Física... Um esporte cada vez?

A.M. – Era cada dois meses era um esporte, isso no ensino fundamental, no início da aula tinha que fazer os alongamentos, quem não fizesse o professor já ia descontando nota, tanto que muito poucas pessoas ficavam com dez no final e ele fazia a gente aprender aquele esporte. Às vezes era esporte bem diferente: lançamento de dardo essa coisas. A gente praticava aquilo e às vezes nos quinze minutos, dez minutos finais tu podias fazer o que tu quisesses; ele dava a bola e tu escolhias se tu quisesses vôlei, basquete, futebol daí metade da turma sentava e a outra metade geralmente futebol jogava. No ensino médio foi mais... Até o primeiro e o segundo ano continuou sendo mais ou menos assim só que cada vez menos gente fazendo e no terceiro ano eles não tinham mais aulas assim, cada vez um esporte. Tu tinha que fazer um alongamento e daí era livre, tu podia jogar o que tu quisesses.

C.M. – E essas aulas eram divididas, meninos e meninas ou misturado?

A.M. – Não, era tudo misturado, às vezes quando tinha... Ele ensinava, por exemplo, basquete e daí na hora de jogar o basquete ele separava os guris e as gurias, e às vezes tinham uma semana para os guris e uma semana para as gurias.

C.M. – E quando era nessa aula de futebol também misturava?

A.M. – É, misturava na hora de aprender, de fazer um passe, ele ensinar o passe, os fundamentos e depois separava os guris e as gurias.

C.M. – Nessa escola incentivavam de alguma forma jogo de futebol ou de futsal... Que jogava na escola futsal ou futebol?

A.M. – Futsal.

C.M. – E se incentivava?

A.M. – Não. Eu joguei o ano passado porque eles nunca tiveram futebol... Nunca incentivaram, olha nunca incentivaram assim, sempre quando botam um esporte às vezes tiram porque não tem muita gente, mas nunca divulgam assim.... Incentivam as pessoas a jogar, eu sempre tive muita raiva porque eu sempre amei o futebol e nunca tive... Eu olho as escolas tudo com um time de futebol para jogar alguns campeonatos que tem e a minha nunca teve um time de futsal de guria, porque de guri sempre tem, mas de guria nunca teve, agora esse ano... O ano passado as gurias de uma série anterior a minha se juntaram e foram falar com o professor que queriam fazer um time, o time deu praticamente a turma delas e eu, era sete gurias no time, foi o único ano que teve mesmo.

C.M. – Mas as escolas sim incentivavam nos meninos essa pratica, tinham campeonato essas coisas?

A.M. – Sim, os guris sempre...

C.M. – Em ter aula ou por fora?

A.M. – É, interno sempre teve, mas na hora do futsal tu tinha que ter um número de atletas para cada turma e geralmente dava duas turmas só de gurias que tinha time, às vezes nem isso, às vezes eles tinham que diminuir, não precisava ser cinco atletas para formar o time,

podia ser de três, se tu tivesse três pessoas tu já podia entrar e mesmo assim dava dois times.

C.M. – E quais foram as experiências mais significativas que você lembra sobre a prática de futsal na escola, na primeira série?

A.M. – Foi uma ruim, na verdade [risos] na primeira série, porque eu lembro que era na outra escola que eu estudava em Viamão e eram esses campeonatinhos internos. A gente foi lá jogar, eu tinha o time da minha turma, tinha outra... O diretor botou a bola no meio e ele mandou as gurias chutarem, só que chutaram a bola e ele pegou a bola e terminou o jogo porque ele disse que as gurias não sabiam jogar e não deixou a gente jogar e terminou o jogo. Eu fiquei muito frustrada aquele dia porque era a primeira vez que eu estava jogando na escola, campeonatinho, e tiraram, e nos outros não lembro de ter mais futsal feminino.

C.M. – E você nunca jogou em um time de meninas ou de meninos em um campeonato?

A.M. – Não, nunca joguei.

C.M. – E dentro da escola qual era o principal motivo para jogar?

A.M. – O mesmo eu acho, por gostar.

C.M. – Além dessa que você me falou, lembra algum outro acontecimento assim, sobre essa experiência na escola nos primeiros anos, relacionada com o futsal e o futebol?

A.M. – Não, só de ficar mais... As pessoas me excluïrem por causa disso é o que eu mais tenho, o resto era eu jogando na educação física com os gurus nunca teve mais.

C.M. – E de que forma elas excluïam você?

A.M. – Eu lembro de uma vez que eu cheguei perto para... Era um grupinho de gurias e eu cheguei para ficar com elas, eu olhei, e uma fez uma careta, e saíram e me deixaram ali, sabe? Não queriam nem ficar perto às vezes.

C.M. – Você continuou fazendo o ensino médio nessa instituição?

A.M. – Não, nessa eu fiz até a quinta série, da sexta até o final eu fiz na de Porto Alegre.

C.M. – Nessa você continuou jogando?

A.M. – Sim.

C.M. – Futebol ou futsal?

A.M. – Futsal.

C.M. – E com quem?

A.M. – Com os guris só.

C.M. – E com quanta frequência você jogava?

A.M. – Toda semana, um dia na semana.

C.M. – Um dia por semana? Porque um dia?

A.M. – Era o que tinha na... Educação Física era uma vez na semana.

C.M. – Só nas aulas de Educação Física? No momento de descansar no meio das aulas, não?

A.M. – Não, não tinha. Era no máximo vinte minutos de recreio e não podia jogar bola. Teve até um ano que eles liberavam a bola um dia na semana para cada turma, eu jogava e

era duas vezes por semana, mas fora esse ano que teve, foi uma exceção depois não teve mais.

C.M. – Nessa escola tinha time de futsal?

A.M. – De guria não só no ano passado, de guri tinha.

C.M. – E lembra alguma experiência significativa já no ensino médio, relacionada com o futsal, algo que você lembra assim bom dentro da prática esportiva?

A.M. – No colégio? A gente ganhava sempre os campeonatinho que tinha dentro... Porque no ensino médio... No primeiro e no segundo ano quando eu estava, eles fizeram gincana e eu consegui juntar cinco gurias, a gente sempre tinha cinco gurias exatas. Daí eu consegui juntar cinco gurias e a gente ganhou os dois seguidos assim, mesmo com o outro... A gente era a turma mais nova, a gente conseguiu ganhar dos outros.

C.M. – Nesse momento o que significava para você jogar futebol?

A.M. – Eu era sempre realizada quando eu estava jogando futebol. Para mim era tudo, eu até parei um tempo de jogar por causa dessas coisas de guria não joga e eu fiquei quase um ano parada, sem jogar, acho que foi até no ensino médio isso. Por que eu queria ser normal, no caso normal que não jogar... Guria não jogando futebol, mas eu não aguentei ficar sem jogar, olhando os gurus jogar e eu ali sem jogar, parada, não aguentei, voltei a jogar.

C.M. – Quantos anos você tinha?

A.M. – Eu acho que eu tinha quatorze, quinze anos.

C.M. – E você não jogava fora da escola nessa época?

A.M. – Não. É que eu também às vezes não achava time por que... Eu quatorze, treze anos é difícil tu arranjar um time, esses times de torneio assim, porque as gurias são tudo mais velha e tu nova, nem tem força. Geralmente é a escolinha, eu entrava nas escolinhas e as

gurias eram muito... Não sabiam jogar, às vezes eram muito poucas gurias daí eu desisti e sai e continuava jogando na escola.

C.M. – E os vizinhos... Perto de casa não tinha com quem jogar nessa época?

A.M. – Não.

C.M. – Então vamos falar sobre a escolinha... Você porque ingressou na escolinha de futebol? Era uma escolinha de futebol ou de futsal?

A.M. – De futsal.

C.M. – Por que ingressou?

A.M. – Porque eu estava tentando procurar um time para mim jogar mais vezes na semana, para poder disputar campeonato daí eu comecei a procurar a escolinha.

C.M. – E sua família, o que achou sobre isso?

A.M. – A minha mãe me apoiou, ela começou a procurar comigo e disse que ia pagar uma para mim.

C.M. – Quem foi a pessoa que mais apoiou você quando estava naquela escolinha?

A.M. – A minha mãe e meu pai.

C.M. – Você que idade tinha quando ingressou?

A.M. – Eu tinha [pensativa] eu acho que uns treze anos ou doze anos. Treze eu acho.

C.M. – Treze?

A.M. – É, treze.

C.M. – Como você organizava o seu tempo para fazer as atividades acadêmicas e se dedicar também ao esporte?

A.M. – Eu estudava de manhã daí tinha a tarde livre geralmente. Um dia na semana que eu tinha aula integral, daí eu peguei dois dias que eu tinha livre a tarde, daí era pertinho de casa, daí eu comecei a fazer.

C.M. – E como era nos treinos naquela escolinha?

A.M. – Era bem... As gurias também não tinha muita habilidade, não sabiam muito o que fazer, era mais treinar passe, treinar, conduzir a bola, essas coisas. Sempre tinha um dia que era livre, a gente jogava time contra time, que geralmente tinha que chamar os guris de fora para completar para jogar uns contra os outros porque se não, não tinha, e era sempre assim, durante três vezes na semana era fundamento, condição, os treinos assim e um dia na semana era jogar.

C.M. – Era só meninas nesse momento... A escola era para meninos e meninas?

A.M. – Isso.

C.M. – E as aulas eram separadas?

A.M. – Eram.

C.M. – E quantas meninas eram mais ou menos?

A.M. – Olha, tinha umas seis eu acho... seis, sete eu acho.

C.M. – As pessoas que dirigiam os treinos eram homens ou mulheres?

A.M. – Era um homem.

C.M. – E alguma vez treinaram junto com os meninos, em alguma oportunidade?

A.M. – É, quando faltava gente e ai sempre tinha os guris que estavam chegando para o próximo horário, que era o deles, daí o professor chamava eles para jogar, para completar time.

C.M. – Mas só quando iam jogar? Do treino não?

A.M. – É, do treino assim não.

C.M. – Como era a sua relação com as amigas da escolinha, com as colegas?

A.M. – Eu não tinha muito contato com elas, até porque era uma vez na semana então, uma, duas vezes na semana, então a gente não era amigas delas, falava normal, mas não era amiga.

C.M. – Me conta sobre a sua experiência dentro dessa escolinha... Como foi, o que significou para você estar aí?

A.M. – Foi bom, estar jogando mais vezes futebol, conseguir um time para jogar assim, até cheguei a participar de um campeonato interno de todas as escolinhas da Duda¹, foi bom assim, mas era aquilo das gurias eram muito fracas, iam mais para aprender futebol, tinham uma ou duas que sabiam jogar direitinho e isso me incomodava porque eu queria jogar de verdade, que fossem melhor que eu, para eu poder disputar mesmo, mas não tinha muito isso, mas era sempre assim não tinha uma escolinha que... Eu nunca achei uma escolinha que tinha isso, porque isso geralmente tem em time, a pessoa forma um time e pega pessoas que sabem jogar, mas como eu era muito nova não tinham... Eu procurei de tudo time assim, não achei time para jogar.

C.M. – A experiência mais significativa dentro dessa escola, lembra?

¹ Eduarda Marranghelo Luizelli.

A.M. – Acho que foi os campeonatinhos que eu participava, interno.

C.M. – Vocês ganharam?

A.M. – Não, não ganhamos.

C.M. – Até que idade você fez parte dessa escolinha?

A.M. – Acho que foi um ano e meio, por aí.

C.M. – E porque parou de treinar lá?

A.M. – Na verdade eu nem lembro porque que eu parei, mas eu acho que... Eu acho que era por isso que eu não estava gostando mais depois, não fazia mais sentido eu estar ali porque eu queria uma coisa mais do que aquilo.

C.M. – E além da escolinha, você alguma vez jogou em um time aparte?

A.M. – Sim.

C.M. – Em qual?

A.M. – O ano passado que eu fiz uma peneira... Era a minha última esperança para entrar em um time, daí eu fiz uma peneira na Duda e passei. Daí eu entrei para o time de futebol, lá eu acho que foi, o ano passado foi o melhor momento dentro do futebol para mim assim. Porque eu realmente consegui o que eu queria, um time que tivesse muitas gurias, melhores que eu, pior, que fosse uma coisa que eu conseguisse disputar internamente, foi uma coisa que eu sempre procurei e eu achei ano passado.

C.M. – Você jogou sempre futsal, futebol ou apenas o ano passado começou a jogar futebol?

A.M. – Futebol o ano passado que eu...

C.M. – Sempre jogou futsal?

A.M. – É, sempre joguei assim futsal.

C.M. – Depois de você terminar o ensino médio, você começou a jogar na escolinha no time que você passou... Qual é?

A.M. – Na Duda

C.M. – Esse é o nome do time?

A.M. – É, Duda [palavra inaudível]

C.M. – Duda [palavra inaudível]. E como foi a experiência dentro desse time?

A.M. – Para mim foi a melhor experiência porque a gente jogou o Estadual, Campeonato Gaúcho, Municipal de Canoas, Municipal de Porto Alegre. A gente participou de vários campeonatos e lá eles... Era em Canoas os treinos e eles disponibilizavam van para nos buscar aqui em Porto Alegre e era tudo de graça, viagem de graça. A gente foi jogar o Gauchão² em Pelotas e tudo eles que pagavam, comida, tudo. E sempre no final dos treinos tinha lanche para a gente... Eles davam tudo de graça, todo apoio que tu precisasse.

C.M. – Eles tinham algum patrocínio?

A.M. – Tinha, a prefeitura de Canoas patrocinava.

C.M. – Talvez era parte de algum programa da prefeitura...

A.M. – É ou... Porque a Duda já tinha e ai... Já tinha um time que era de outra cidade, eu acho que ela fez uma parceria com o prefeito de Canoas e ai Canoas começou a patrocinar.

² Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino.

C.M. – E quando você começou a jogar ai, quais foram essas experiências, lembra? Experiências particulares e como você se inseriu nesse time...

A.M. – As gurias eram bem receptivas, quando a gente entrou... Puxar um assunto, sempre tentou aproximar tu do time, para mim foi muito bom lá, as gurias elas te puxavam mesmo para o time, sabe? Para ti entrosar com o time, eu me entrosei muito com o time lá e tinha os campeonatos, viagens também. As viagens que eu fazia, que eu fiz, para ir jogar o Gauchão a gente se entrosou muito com as gurias e ficou muito amigas, porque dormia no mesmo quarto, tudo sempre junto. Foi o melhor para mim eu acho.

C.M. – Você ainda joga nesse time?

A.M. – Não, eu saí.

C.M. – Por quê?

A.M. – Porque agora eles mudaram não é mais futebol, é futebol sete e como eu entrei na UFRGS³ para mim fica muito mais fácil jogar aqui e os horários sempre se batem e não tem mais van lá, eles não estão... E fica muito ruim para mim ir para Canoas ou ir para... Meus pais me levarem, fica muito ruim para eles ainda mais que os treinos agora às vezes são de noite e os horários batem, então eu prefiro ficar aqui na UFRGS.

C.M. – Bom, falando da UFRGS você como conheceu o time de futsal da UFRGS?

A.M. – Se eu conhecia?

C.M. – Como conheceu...

A.M. – A minha colega... Eu sabia que tinha time, mas eu nunca fiquei sabendo da peneira e coisa daí um dia a minha amiga veio... Uma colega minha veio me falou da peneira que

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ia ter e me convidou para ir daí eu... No início eu estava meio assim, não queria ir porque eu estava jogando na Duda, mas daí ela me convenceu e eu vim fazer a peneira.

C.M. – E como foi essa peneira?

A.M. – Foi bom, tinha bastante guria até para uma peneira de futebol feminino, mas... Foi bom, eu gostei.

C.M. – Agora na universidade qual é o motivo para você fazer parte da seleção de futsal da UFRGS?

A.M. – Antes, do continuar jogando e eu gostei delas como time, da garra, da vontade de ganhar, apesar de tudo, entendeu? É muito minha cara isso, de lutar até o fim para ganhar, dar o sangue na quadra é sempre o que eu faço, geralmente.

C.M. – Você lembra mais ou menos quantos meses dentro do time?

A.M. – Acho que uns dois meses e meio.

C.M. – E como conseguiu essa experiência dentro do time?

A.M. – Olha, esta bom. Eu estou gostando muito de... Eu até quase saí do time, mas eu consegui arranjar um tempo para começar a treinar. Eu gosto do treinador e da Rafa⁴, do Ariel⁵ e do Jefe⁶ eles estão sempre querendo te ajudar e eu acho que para um técnico é isso que precisa, porque tem muito técnico que tu não faz e já xingam e isso o desmotiva a fazer aquilo e eu entrei ali sem saber porque eu treinei futsal... Meu futsal era de escolinha, não tinha muito essas táticas e o jeito de jogar, então eu vim para cá, uma analfabeta de futsal e eles tem paciência comigo, de me explicar como faz, varias vezes, que a Rafa já me explicou varias coisas, varias vezes e eu acho que isso é o ideal.

⁴ Rafaela Cavalheiro do Espirito Santo.

⁵ Ariel Gitz

⁶ Jeferson Dickel

C.M. – Você falou que por pouco sai do time?

A.M. – É, quase saí do time.

C.M. – Por quê?

A.M. – Porque eu fui fazer um teste para ir jogar nos Estados Unidos e daí eu passei, só que precisa passar em um teste de inglês e eu não sei nada de inglês, então eu tive que começar a fazer aula, estudar em casa. Eu tive que cancelar algumas cadeiras na UFRGS e daí eu cancelei bem as de terça e quinta, que era os dias dos treinos, e daí ficava ruim para mim também estudar em casa e depois voltar ainda para cá daí ficava complicado para mim. Daí eu acabei falando para a Rafa que não ia mais, mas depois elas conversaram comigo e eu acabei voltando, arranjando um tempo para treinar.

C.M. – E você ia jogar nos Estados Unidos com qual time?

A.M. – Eu ia jogar por uma universidade, Florida Memorial⁷ é o nome dela, mas eu tenho que passar em um teste, e ainda tem que pagar cinquenta por cento dessa bolsa, então eu não sei se vou passar no teste, é provável que eu não passe, mas eu to fazendo aula.

C.M. – O que significa para você ser parte da equipe da UFRGS?

A.M. – Eu vejo como uma coisa boa porque assim muita gente na UFRGS... Aquele dia eu vi na peneira que tinha bastante gurias e três passaram, então eu me senti... Que eu não sou ruim por estar entrando em um time da UFRGS, que eu acho que todo o ano tem bastante gurias. Se aquele dia tinha umas dez gurias ou mais, de muitas gurias eu estar entrando para mim é muito bom isso.

C.M. – E atualmente que você agora esta na universidade se formando profissionalmente, qual é a principal motivação pela qual você ainda joga futsal?

⁷ Florida Memorial University.

A.M. – Porque eu quero também aprender mais sobre o futsal, porque eu quero seguir alguma coisa no futebol feminino. Então eu quero sempre continuar evoluindo, não só jogando, mas aprendendo também porque a minha ideia é ter um time feminino para incentivar o futebol feminino.

C.M. – Você acha alguma diferença entre futsal e futebol, além das táticas e essas questões, acha alguma outra diferença?

A.M. – Não, acho que não. Só que no futebol feminino é muito poucos campeonatos e no futsal sempre tem torneios que no futebol não tem porque tu precisas de mais gurias em um time, precisa de no mínimo onze, no futsal tu precisa de no mínimo cinco, tem cinco gurias e já dá para fazer um time, então do futebol como eu participei eu sei que é muito poucos campeonatos, é bem difícil participar, e nos campeonatos os times são bem limitados, muito poucos times... Quatro times às vezes cinco.

C.M. – Você acha que a universidade apoia o time de futsal?

A.M. – Como eu estou no início eu ainda não sei muito bem, mas pelo o que eu vi do... Que eles vão dar passagens para jogos, eu acho que apoia.

C.M. – Você pode descrever a sua experiência como mulher que joga futsal?

A.M. – É difícil, muito difícil assim para mim sempre foi muito difícil jogar... Continuar dentro do futebol porque tem muita coisa contra, muita gente contra, muita gente falando, que se tu der muita bola tu acaba parando, como eu acho que muita gente já parou de jogar porque falam. E é muito desvalorizado também, tu perde um pouco o ânimo de fazer porque tu sabe que além de ser difícil é muito complicado, comparando com os gurus tem gente que sub15 dos gurus estão ganhando... eu conheço gente que ganha oito mil reais, para jogar sub15 de um time, uma guria que vai para seleção do sub20 ainda não está ganhando nada, ainda não é nada dentro do futebol, é muito difícil isso. Ir para uma seleção feminina é mais fácil, agora tu crescer no futebol feminino é muito impossível, muito difícil e é pouco e raros que conseguem.

C.M. – Você lembra alguma experiência ou acontecimento relacionado com o futebol por ser você mulher? Alguém falou alguma coisa em um campeonato?

A.M. – Eu lembro quando eu era menor que um dia eu estava jogando com os guris que eu não conhecia, era em um aniversário e daí eu estava jogando melhor que o guri e ele parou para mim e falou “O que tu esta jogando futebol, tu é mulher, tu devia estar na cozinha” ele falou para mim e eu era uma criança e ele falou sério e ele também era uma criança. Hoje eu vejo um guri criança já fazendo isso, então é uma coisa que passa de pai para filho, que mulher não joga bola, então é difícil tu controlar uma coisa que criança já sai em fazendo, criança já sai julgando porque tu esta fazendo futebol. E quando eu jogava na escolinha no meu colégio também minha irmã fazia balé, do lado, e daí veio uma criançinha, tinha quatro anos a criança porque era colega da minha irmã de balé, daí ela olhou eu jogando futebol e parou na minha frente: “Tu tá jogando futebol?” E eu falei: “Estou.” Daí ela disse: “Mas, futebol não é de guri?” Uma criança de quatro anos, não sabe nada mas ela sabe que mulher não joga futebol.

C.M. – Você acha que alguma diferença entre homens e mulheres que joga futsal e futebol?

A.M. – Olha, eu não vejo nenhuma diferença, no futebol eu não vejo nenhuma diferença porque eu sempre joguei no meio de guri, então eu não via diferença de mim para eles, e um monte gente falava que jogava melhor que muitos, então para mim não tem muita diferença, as pessoas que botam diferença.

C.M. – O que de melhor o futsal trouxe para sua vida?

A.M. – Os valores eu acho, primeiro de tu conseguir... Eu através do futebol consigo ser... Quando que penso em alguma coisa preconceituosa que eu vejo... Eu consigo ver que é preconceituoso porque eu sofri preconceito por ser mulher e jogar futebol, então eu consigo enxergar o lado de quem esta sendo oprimido por uma coisa que a sociedade acha. Esse para mim isso foi o maior, porque talvez se eu não jogasse futebol eu não sofreria esse preconceito. Então não conseguiria me botar do lado de alguém que esta sofrendo um preconceito e eu consigo me botar no lugar de qualquer um que esta sofrendo preconceito e

mudar a minha visão totalmente, eu acho que esse foi o maior assim para mim conseguiu mudar a minha visão sobre tudo que acontece.

C.M. – Você acha que tem algum aspecto negativo dentro dessa experiência como praticante de futsal, além do que já falou do preconceito?

A.M. – Não, eu acho que o mais relevante é isso, o preconceito.

C.M. – O que significou o esporte antes e o que significa agora?

A.M. – Antes para mim era mais uma diversão, uma coisa que eu gostava, não tinha noção de nada era só jogar, uma coisa normal para mim; agora que eu vejo mais a importância até para... Porque o futebol... Eu acho que para muita gente é mais importante futebol feminino porque tira... Não só feminino, masculino também que tira muita gente de caminhos negativos, principalmente pessoas mais pobres, que se tu apresenta o futebol para uma garia de uma vila que tem noventa por cento de chances de ir para drogas, por exemplo, se tu apresenta o futebol para ela e ela gosta de futebol, o futebol pode tirar totalmente ela dali, meio que um caminho para as pessoas que não tem condição é até o que eu quero seguir, fazendo educação física, eu quero principalmente isso, patrocinar um time que eu consiga tirar crianças.

C.M. – Muito bem, tem mais alguma coisa que você queira me contar relacionado com sua experiência pessoal com o futsal e o futebol?

A.M. – Não, eu acho que é isso, eu não consigo me lembrar agora de... É, eu acho que é isso.

C.M. – Carol, muito obrigada pela entrevista e qualquer coisa a gente faz outra entrevista para aprofundar, muito obrigada.

A.M. – De nada.

[FINAL DA ENTREVISTA]